

**Para além dos muros da escola: a atuação do pedagogo na educação não formal- A  
Equoterapia**

**Beyond the walls of the school: the role of the educator in non-formal education- The  
Hippotherapy**

**Además de los muros de la escuela: la actuación del pedagogo en la educación no formal  
- La Equoterapia**

**Alana Rodrigues Rigão**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9582-5555>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: [alanarigao17@gmail.com](mailto:alanarigao17@gmail.com)

**Laura Salbego Vidikim**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2827-9309>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: [lauravidikim18@gmail.com](mailto:lauravidikim18@gmail.com)

**Fernanda Figueira Marquezan**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8009-9105>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: [marquezanfernanda@gmail.com](mailto:marquezanfernanda@gmail.com)

Recebido: 03/01/2019 | Revisado: 30/01/2019 | Aceito: 05/02/2019 | Publicado: 26/02/2019

**Resumo**

Este artigo objetiva apresentar um relato de experiência, vivenciado no âmbito da disciplina de Estágio em Espaços Sociais, do curso de Pedagogia da Universidade Franciscana (UFN). Quanto aos aspectos metodológicos utiliza a abordagem qualitativa e o método autobiográfico (JOSSO, 2004). O estágio aconteceu na Associação Riograndense de Equoterapia e Equilíbrio conhecida como *Hippos Equoterapia* e desdobrou-se em dois momentos: a) *atendimento a um praticante com Síndrome de Down (SD)*, em que se trabalhou com atividades referentes às disciplinas de português, matemática e psicomotricidade no âmbito do contexto da equoterapia, e b) *catalogação dos jogos educativos e pedagógicos da Hippos Equoterapia*, sendo realizada com base no Sistema de Classificação de Jogos e Brinquedos (CUNHA, 2007). Logo, conclui-se que as atividades propostas ao praticante com SD surtiram efeitos positivos. Quanto à catalogação dos jogos, ressalta-se o quanto é importante prover a cultura

organizacional na instituição. Assim, evidencia-se o papel importante que o pedagogo possui nas instituições de educação não formal.

**Palavras-chave:** Pedagogia social; Ludicidade; Criatividade; Interdisciplinaridade.

### **Abstract**

This paper aims to present and discuss an experience report, under the discipline of Internship in Social Spaces, of the Pedagogy course of the Franciscan University (UFN), based on the qualitative approach and the autobiographical method (JOSSO, 2004). The internship took place in the Riograndense Association of Equine Therapy and Equilibrium known as Hippos Equoterapia and unfolded in two moments: a) attendance to a practitioner with Down Syndrome (SD), in which he worked with activities related to Portuguese, mathematics and psychomotricity within the context of equine therapy, and b) cataloging of the educational and pedagogical games of Hippos Equoterapia, being carried out based on the System of Classification of Games and Toys (CUNHA, 2007). Therefore, it is concluded that the activities proposed to the practitioner with SD had positive effects. Regarding the cataloging of games, it is important to provide an organizational culture in the institution. Thus, it is evident the important role that the pedagogue has in non-formal education institutions.

**Keywords:** Social Pedagogy; Ludicity; Creativity; Interdisciplinarity.

### **Resumen**

Este artículo objetiva presentar un relato de experiencia, vivido en el ámbito de la disciplina de Etapa en Espacios Sociales, del curso de Pedagogía de la Universidad Franciscana (UFN). En cuanto a los aspectos metodológicos utiliza el abordaje cualitativo y el método autobiográfico (JOSSO, 2004). La etapa se llevó a cabo en la Asociación Riograndense de hipoterapia y Equilibrio conocido como hipopótamos Hipoterapia y se dividió en dos etapas: a) el servicio a un practicante con el síndrome de Down (SD), en la que trabajó con actividades relacionadas con temas portugués, matemáticas y en el marco del contexto de la equinoterapia, y b) catalogación de los juegos educativos y pedagógicos de la Hippos Equoterapia, siendo realizada con base en el Sistema de Clasificación de Juegos y Juguetes (CUNHA, 2007). Luego, se concluye que las actividades propuestas al practicante con SD surtieron efectos positivos. En cuanto a la catalogación de los juegos, se resalta cuán importante es proveer la cultura organizacional en la institución. Así, se evidencia el papel importante que el pedagogo posee en las instituciones de educación no formal.

**Palabras clave:** Pedagogía social; lúdico; la creatividad; Interdisciplinarietà.

## **1. Introdução**

A educação acontece em diversos âmbitos da sociedade, e as pessoas se relacionam com ela tanto formal quanto informalmente no dia a dia. Assim, a educação não formal caracteriza-se por possuir uma intencionalidade, porém, com baixo grau de estruturação e sistematização, cuja ação do pedagogo acontece de maneira não formalizada (LIBÂNEO, 2007).

Nessa dimensão, o artigo tem como objetivo apresentar uma vivência de estágio em Espaços Sociais, que aconteceu na Associação Riograndense de Equoterapia e Equilíbrio, conhecida como *Hippos Equoterapia*. A instituição, localizada na cidade de Santa Maria, RS, e fundada em 1988, visa à reabilitação e à educação de pessoas com deficiência ou com necessidades especiais, através de uma abordagem interdisciplinar. Desse modo, a equoterapia configura-se como um espaço social, visto que promove, por meio do contato do humano com o cavalo, dimensões que abrangem a dinâmica das relações sociais, com vistas a possibilitar a integração de todo o sujeito no contexto social. Segundo Medeiros e Dias (2008, p.5) a equoterapia

[...]é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo a partir de uma abordagem interdisciplinar nas áreas da Saúde, Educação e Equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas portadoras de deficiências e/ou necessidades especiais.

O excerto evidencia o importante papel que a educação no âmbito não formal, juntamente com as áreas da Saúde e Equitação, possui para a vida dessas pessoas, pois trabalha-se potencialidades do indivíduo para exercer suas funções como cidadão.

A inserção e intervenção das estagiárias, nessa Instituição, ocorreram durante o 1º semestre de 2018, apoiando-se no projeto de estágio “Um olhar pedagógico na Equoterapia”, que centrou-se em viabilizar a construção de conhecimentos interdisciplinares de um participante da *Hippos Equoterapia*, e catalogar os jogos educativos e pedagógicos da dessa Instituição.

Essa vivência decorreu no âmbito da disciplina de Estágio Curricular Supervisionado II, em Espaços Sociais, do curso de Pedagogia da Universidade Franciscana (UFN), situada no município de Santa Maria-RS. O objetivo do estágio era promover reflexões teórico-práticas da atuação do pedagogo, em instituições sociais, bem como a contextualização da estrutura organizacional e pedagógica desses espaços. Desse modo, possibilita a inserção do pedagogo em espaços extraescolares, contribuindo com a formação inicial da identidade profissional para além dos espaços formais de educação.

Atualmente, o pedagogo está conquistando espaço em diversos ambientes de atuação fora da sala de aula, como empresas, hospitais, Organizações Não Governamentais (ONGs), entre outros. Esses espaços, até então, eram restritos apenas para profissionais de outras áreas (saúde, empresarial), sendo assim, o pedagogo não tinha acesso aos espaços não formais de educação. Porém, frente à demanda social que se empossa, nos dias de hoje, o pedagogo é figura exímia nesses espaços, pois auxilia no desenvolvimento integral do ser humano, pautado em práticas ligadas à subjetividade que integra a todos. Segundo Libâneo e Pimenta (2002, p.29):

Todo educador sabe, hoje, que as práticas educativas ocorrem em muitos lugares, em muitas instâncias formais, não-formais, informais. Elas acontecem nas famílias, nos locais de trabalho, na cidade e na rua, nos meios de comunicação e, também, nas escolas. Não é possível mais afirmar que o trabalho pedagógico se reduz ao trabalho docente nas escolas. [...] A Pedagogia é mais ampla que a docência, educação abrange outras instâncias além da sala de aula, profissional da educação é uma expressão mais ampla que profissional da docência, sem pretender com isso diminuir a importância da docência.

Em suma, esta discussão é em torno dos espaços não formais de educação, a fim de evidenciar o papel do pedagogo, nos diferentes campos de atuação, neste caso, a equoterapia.

Justifica-se pela inserção da temática, tendo em vista os pressupostos utilizados na prática do estágio, que elencam aspectos inerentes à educação dentro de uma perspectiva de estratégias inovadoras para a intervenção deste profissional nesses espaços.

## **2. Pedagogo: A atuação na educação não formal**

A sociedade carrega consigo a ideia da Pedagogia como um curso de formação de professores preparados para ensinar crianças. Entretanto, esse conceito é simplista e reducionista, à medida que transcende os muros da escola e atinge um contingente amplo da esfera social. O estudioso José Carlos Libâneo (2001, p. 6) a entende como “[...] um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, ao mesmo tempo, uma diretriz orientadora da ação educativa”. Desse modo, a Pedagogia se preocupa com estudo sistemático da educação, sobretudo das práticas educativas que estão presentes em toda atividade humana. Em vista disso, em concordância com as ideias desse autor, pode-se afirmar que, se a educação acontece em diversos lugares e em diferentes momentos, a Pedagogia possui uma variedade de práticas educativas, conseqüentemente, havendo vários tipos: pedagogia empresarial, familiar, escolar, hospitalar, etc.

Nesse cenário, o Pedagogo é o profissional que tem o compromisso de trabalhar em prol de uma educação de qualidade, nas diferentes instâncias e modalidades educativas. Nas palavras de Libâneo (2001, p.11), é:

[...] o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

Assim, evidencia-se a importância de resgatar o contexto histórico e o atrelar à constituição do ser como cidadão. Por isso, é fundamental que a formação do pedagogo seja consistente e contextualizada, para proporcionar condições educativas críticas e ativas do sistema social. Nessa perspectiva, é comum observar as pessoas se referirem a este profissional como professor. Porém, nem todo pedagogo é professor. Dessa forma, Libâneo (2001) distingue o pedagogo especialista do profissional docente, pois implica dois conceitos diferentes: o *trabalho pedagógico*, que se refere ao serviço com muitas práticas educativas, e o *docente*, que se restringe ao trabalho pedagógico no âmbito da sala de aula. Desse modo, cabe também “[...] entender que todo trabalho docente é trabalho pedagógico, mas que nem todo trabalho pedagógico é trabalho docente” (LIBÂNEO, 2001, p.12).

Desse modo, a atuação do pedagogo se dá tanto em âmbito da educação formal quanto da educação não formal. De acordo com Gohn (2006), na educação formal os objetivos centram-se no ensino e aprendizagem de conteúdos previamente sistematizados, que estão dentro da lei, para assim formar um cidadão integrado e participante na sociedade e desse modo, desenvolver várias competências e habilidades.

Quando se refere em educação não formal, percebe-se que ainda existe, na sociedade, o desconhecimento dessa expressão. Porém, existe desde o período colonial brasileiro, cujo ato de ensinar se deu com a chegada dos Jesuítas no Brasil. Considerando essa afirmativa, é possível destacar que aconteciam práticas educativas não formais nessa época, as quais eram transmitidas apenas para a população de pessoas mais desfavorecidas (negros, indígenas), a fim de introduzir valores católicos, ou seja, catequizá-los, para, assim, atender as necessidades das classes dirigentes (Montevecchi, 2005). Sendo assim, é possível notar que há uma intencionalidade, porém, sem possuir um caráter de avaliação, considerando que estas são algumas das características da educação não formal.

Paralelo às assertivas supracitadas, atualmente, entende-se que a educação não formal integra uma série de âmbitos de atuação. Em um processo educativo flexível, as atividades pedagógicas acontecem em ambientes interativos, coletivamente, havendo trocas de conhecimentos, saberes, experiências. As práticas desenvolvidas são flexíveis e

interdisciplinares, priorizando atividades que desenvolvam ações culturais, rodas de conversas, esportes, entre outras.

Neste sentido, a atuação do pedagogo frente à educação não formal vai muito além da participação coletiva. Ele tem um papel importante, uma vez que é quem irá proporcionar ao sujeito a formação de sua identidade, por meio de práticas pautadas na valorização do desenvolvimento social. A educação não formal, de acordo com Gohn (2006), prepara o sujeito para se tornar um cidadão do mundo e para o mundo.

Portanto, o exercício profissional do pedagogo, em espaços não formais, está diretamente ligado às atividades que envolvem a formação pessoal, o trabalho em equipe; utiliza-se de metodologias que partem do princípio da necessidade do grupo, bem como a cultura na qual eles estão inseridos. Dessa forma, é um profissional importante nessa trajetória, pois tem um olhar sensível perante as necessidades daquele determinado grupo, seja de crianças, jovens, adultos, idosos.

### **3. A equoterapia como espaço de educação não formal**

A equoterapia chegou ao Brasil, no ano de 1971, trazido pela fisioterapeuta Gabriele Brigitte Walter<sup>1</sup>, e, no ano de 1989, foi criada a Associação Nacional de Equoterapia “[...] com o objetivo de aglutinar os centros de equoterapia e difundir as informações científicas no país” (Walter, 2013, p. 25). Assim, configura-se como um método que utiliza o cavalo para fins terapêuticos educacionais, de reabilitação e socialização do indivíduo. O animal é utilizado como mediador e facilitador, através de uma abordagem interdisciplinar, que envolve as áreas da educação, saúde e equitação (Ande-Brasil).

A história da utilização do cavalo com fins terapêuticos provém desde os primórdios da humanidade. Entretanto, somente após a Primeira Guerra Mundial, integrou definitivamente a área de reabilitação com vistas ao cuidado dos soldados sobreviventes da guerra (Medeiros & Dias, 2008).

A partir de então, a equoterapia assumiu uma dimensão que abrange a formação holística do sujeito a partir de estímulos de funções neuromotoras, psicomotoras e neuropsíquicas, intermediadas pelo cavalo dentro de um ambiente natural (Medeiros & Dias, 2008). Em seus estudos, estes autores argumentam acerca do paralelismo existente entre o

---

<sup>1</sup>Graduada em Fisioterapia e Mestre em Equoterapia pela Faculdade Paulista de Educação e Comunicação. Atualmente é presidente da Fundação Rancho GG - Centro de Treinamento Pesquisa e Ensino de Equoterapia.

passo do cavalo e o do homem. Aquele possui três andaduras: passo, trote e galope. No passo, ele realiza ciclos de movimentos análogos ao ciclo do homem durante sua andadura natural. Dessa forma, “[...] o paralelismo entre o andar humano e o andar do cavalo evidencia-se pelo movimento tridimensional observado em ambos” (Medeiros & Dias, 2008, p. 16). Isso possibilita experiências ao praticante de vivenciar o movimento da andadura, que, por muitas vezes, não pode ter esse privilégio.

Por possuir um caráter interdisciplinar, a equoterapia agrega profissionais de diferentes áreas, como pedagogia, educação física, terapia ocupacional, psicologia, fisioterapia, equitação, os quais trabalham em prol do desenvolvimento biopsicossocial do sujeito/praticante, por meio de propostas lúdicas, apropriadas para a situação de cada um. Em vista disso, possui programas que se destinam às necessidades de cada pessoa: hipoterapia, educação/reeducação equestre, pré-esportiva, esportiva. Para integrar essas modalidades, a equoterapia é indicada, principalmente, a pessoas com deficiências neuromotoras e distúrbios neuropsíquicos (Medeiros & Dias, 2008).

De acordo com Ramos (2007), no Brasil, a equoterapia foi reconhecida como método terapêutico pelo Conselho Federal de Medicina (CFM), em 1997, através do Parecer 06, e como método educacional pela Divisão de Ensino Especial da Secretaria de Educação do Distrito Federal, pois, “[...] através de 09 pesquisas realizadas se comprovou que ela favorece a alfabetização, a socialização e o desenvolvimento global dos alunos portadores de necessidades educativas especiais” (p. 9).

O cavalo, nessa dinâmica, é um motivador do processo de reabilitação do indivíduo, pois contribui no seu desenvolvimento psicomotor e cognitivo. Assim, toda a prática exercida com esse animal contribui para fortalecer aspectos que condizem à autonomia, socialização e autoconfiança. Além disso, os benefícios da equoterapia na vida de um sujeito são inúmeros, podendo-se destacar: ajuste tônico, alinhamento corporal, consciência corporal, organização espaço-temporal, coordenação motora, força muscular. Ainda, promove melhorias na aprendizagem, refletindo resultados positivos no ambiente escolar (Medeiros & Dias, 2008).

Nesse contexto, a prática equoterápica, por exemplo, se desenvolve em etapas que serão traçadas a partir de um plano terapêutico advindo da anamnese do praticante. A primeira refere-se à aproximação, ou seja, o momento em que há o primeiro contato com o cavalo, que envolve os primeiros cuidados, como alimentação, escovação, encilha. A segunda fase corresponde à montaria, em que o praticante irá desenvolver as atividades sobre o dorso do animal. Na terceira e quarta fases, dirige-se à separação, momento em que é feita a desencilha

e banho do animal, por exemplo. Essas etapas são essenciais para o estabelecimento do vínculo entre homem e cavalo (Medeiros & Dias, 2008).

Assim, tendo como objetivo principal promover o desenvolvimento biopsicossocial do sujeito, os profissionais que atuam na equoterapia trabalham de maneira conjunta para potencializar as atividades de acordo com a singularidade de cada praticante. É importante que haja interação e atividades que sejam significativas para o praticante, isto é, partir do contexto de vivência e experiência desse sujeito. Nesse caso, é fundamental que a ludicidade esteja presente nas atividades propostas, a fim de que aconteça uma aprendizagem prazerosa tanto aos profissionais quanto para os praticantes.

#### **4. Metodologia**

Este estudo está apoiado na abordagem qualitativa, pois aborda aspectos que não podem ser quantificados, e, sim, interpretados e compreendidos dentro da dinâmica das relações sociais (Silveira & Córdova, 2009). As autoras ainda caracterizam a abordagem por apresentar um caráter interativo entre os objetivos, orientações e dados buscados pelos investigadores que almejam chegar a um resultado mais fidedigno possível.

Consoante a isso, a pesquisa apoiou-se no método (auto) biográfico, devido ao fato de relatar uma experiência vivenciada pelas estagiárias/autoras deste estudo, a qual é constituída por momentos que contribuem para a formação pessoal e profissional dos sujeitos (Josso, 2004).

O método é utilizado para narrar experiências vivenciadas pelo ser humano, o que, dessa forma, coloca em destaque a subjetividade, característica essencial que integra o conhecimento científico. Nas palavras de Bueno (2002, p. 20), “a subjetividade constitui dentro desse quadro uma via de acesso não linear ao conhecimento científico do sistema social, o que não se faz sem uma invenção de estratégias e métodos”. Essa autora ainda destaca a biografia como sendo uma “micro-relação social” (p. 20), pois há uma intencionalidade comunicativa nas narrativas autobiográficas (Bueno, 2002).

Pautando-se nesses princípios, busca-se descrever e analisar as vivências das duas acadêmicas de Pedagogia da UFN, na Associação Riograndense de Equoterapia e Equilíbrio, *Hippos Equoterapia*, durante o Estágio Curricular Supervisionado II, em Espaços Sociais.

#### **5. Resultados e Discussões**

A prática do estágio se desdobrou em dois momentos: a) *atendimento a um praticante com Síndrome de Down*; e b) *catalogação dos jogos educativos e pedagógicos da Hippos Equoterapia*, os quais estão descritos a seguir:

### **5.1 Atendimento a um praticante com Síndrome de Down**

Os atendimentos buscaram viabilizar a construção de conhecimentos interdisciplinares de um praticante com Síndrome de Down (SD), que frequenta a *Hippos* desde 2010. Atualmente, é bastante comum a pessoas possuírem essa síndrome, estimando-se que, nos países desenvolvidos, 1 em cada 1000 bebês nasce com a doença (Cunningham, 2008).

Essa condição resulta da existência de um cromossomo 21 extra, isto é, existem três cromossomos em vez de dois. Cunningham (2008) ressalta que a SD é uma aneuploidia (cromossomos a mais ou a menos), apontada como bastante comum, pois 1 em cada 20 gestações clinicamente reconhecidas se desenvolve um erro cromossômico. O autor aponta fatores que podem influenciar o número de bebês que nascem assim: fatores sociais, planejamento familiar e diagnóstico pré-natal.

As pessoas com SD possuem atraso global do desenvolvimento, entretanto, isso não significa que não podem fazer atividades comuns do dia a dia, muito pelo contrário, dominam muitas habilidades. A síndrome possui peculiaridades que variam de uma pessoa para outra, ou seja, nenhuma síndrome é igual. Algumas características são marcantes: memória auditiva curta, inibição acentuada e dificuldades de linguagem e comunicação.

De acordo com Voivodic (2004), o QI dos indivíduos com SD tem se elevado, nas últimas décadas, evidenciando que a inteligência não é determinada exclusivamente por fatores biológicos, mas também por ambientais. Para isso, a estimulação precisa ser intensa, a fim de surtir resultados positivos, pois, devido à deficiência intelectual, utilizam um tempo maior para compreender e dominar certos conceitos (Bonomo & Rosseti, 2010).

A realização dos atendimentos surgiu a partir do interesse das estagiárias em vivenciar a equoterapia, com a inserção dos pressupostos da pedagogia, pois a *Hippos Equoterapia* instituição entendeu como sendo primordial para o praticante, que não é alfabetizado, possuir essa sequência de conhecimentos interdisciplinares. As sessões de atendimentos, então, aconteceram duas vezes por semana, com duração de 50 minutos.

No primeiro encontro, foi realizada uma testagem de escrita (Ferreiro & Teberosky, 1999), a fim de verificar o nível de alfabetização que o praticante tinha. Solicitou-se que

escrevesse quatro palavras: manta, flor, cavalo, Yucatã (nome do cavalo que ele gosta). A escolha de tais palavras justifica-se por estarem inseridas no contexto do praticante.

Durante a aplicação da testagem, ele mostrou-se um pouco resistente para escrever, dizia que não sabia, mas, por fim, escreveu todas as palavras solicitadas. A partir da análise dos dados, constatou-se que ele tem nível *pré-silábico* de escrita, pois reconhece as letras do alfabeto, assim como alguns números, mas não associa a grafia ao som. Além disso, ele possui os aspectos intra e interfigurais bem consolidados, ou seja, estabelece uma quantidade mínima de letras e diferencia uma escrita de outra (Ferreiro, 2011). É importante ressaltar que, quando as estagiárias intervinham para auxiliar na escrita de alguma palavra, o praticante conseguia estabelecer conexões som e grafia, evidenciando uma possível transição para o nível silábico.

Essa análise da escrita do praticante tem como fundamento os estudos realizados por Ana Teberosky e Emília Ferreiro (1999) sobre o processo de construção da aprendizagem da leitura e escrita das crianças participantes da pesquisa. As autoras consideram três níveis que compreendem diferentes hipóteses, pelas quais as crianças passam durante o processo de aquisição da lecto-escrita.

O primeiro e segundo níveis compreendem a hipótese *pré-silábica* de escrita, cujo sujeito se encontra no período da diferenciação entre icônico (desenho) e não icônico (escrita), e nas variações dos eixos quanti e qualitativos, ou seja, nesse período, o que está escrito não corresponde ao que se quer escrever, isto é, ao significante (Ferreiro, 2011).

O terceiro nível integra as hipóteses: *silábica*, em que a escrita apresenta uma letra por sílaba; *silábica-alfabética*, quando a criança desenvolve a consciência de que uma vogal mais uma consoante são necessárias para corresponder a uma sílaba, e a *alfabética*: é quando se constrói a compreensão do sistema de escrita.

Tendo em mãos o diagnóstico da aplicação da testagem, as estagiárias iniciaram o planejamento das ações didático-pedagógicas, sendo apoiado em blocos, abordando as seguintes áreas de conhecimento: matemática, língua portuguesa e psicomotricidade. As atividades propostas foram construídas pelas estagiárias, com o desafio de torná-las lúdicas e significativas para o praticante. Segundo Ausubel (1982), a aprendizagem se torna significativa quando é relacionada ao contexto em que o sujeito está inserido. Para isso, investigou-se a realidade vivida pelo praticante para aliar ao desenvolvimento das atividades, juntamente com o contexto vivido na equoterapia.

Nesse sentido, a ludicidade é importante para o desenvolvimento de atividades didático-pedagógicas, já que torna o momento de aprendizagem leve e descontraído, perdendo

o aspecto formal, e se aproximando das expectativas do aprendiz. Santos (2007, p. 12) afirma que “[...] o desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural [...], o que facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento”.

As atividades didático-pedagógicas desenvolvidas com o praticante estão apresentadas no Quadro 1, a seguir:

**<sup>2</sup>Quadro 1:** Atividades didático-pedagógicas desenvolvidas com o praticante

<b>Atividades</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Área de conhecimento</b>
Testagem de escrita I	Verificar o nível de alfabetização.	Alfabetização.
Relação das iniciais.	Relacionar as iniciais com as palavras que compunham a encilha do cavalo.	Alfabetização.
Base das cores e quantidades.	Associar a quantidade de tampinhas que faltavam preencher na base, bem como as cores.	Matemática.
Lançamento de bambolês em cones e mímica.	Desenvolver a imaginação, criatividade e a motricidade ampla.	Psicomotricidade.
Pião silábico.	Associar as figuras com as suas respectivas sílabas.	Alfabetização.
Roleta das operações.	Desenvolver o raciocínio lógico-matemático.	Matemática.
Lança bolas.	Desenvolver a motricidade fina e ampla.	Psicomotricidade.
Testagem de escrita II	Verificar o nível de alfabetização após todas as atividades desenvolvidas	Alfabetização.

Fonte: as autoras.

---

<sup>2</sup> Destaca-se que as atividades, não estão associadas à equoterapia, serviram como apoio pedagógico para intervenção com o praticante. Tais atividades possuem caráter interdisciplinar desenvolviam-se ora sobre o lombo do cavalo ora em salas direcionadas para atendimento, pois a equoterapia compreende todos os contatos com o espaço que o praticante está inserido.

As áreas de conhecimento foram elencadas a partir do diagnóstico das necessidades do praticante, ressaltadas pelas profissionais de psicologia e fisioterapia. Na *área de alfabetização*, foram realizadas duas atividades além das duas testagens de escrita. Primeiro, trabalhou-se num nível menos complexo, com as iniciais das partes da encilha, para verificar como iria estabelecer essa relação. Desse modo, constatou-se que ele realizou essa tarefa com sucesso. Posteriormente, a outra atividade contemplou as sílabas simples, e o seu desempenho foi muito positivo, uma vez que relacionava as figuras com as sílabas que compunham a palavra. Nessa dinâmica, a testagem de escrita foi importante instrumento de acompanhamento do praticante, pois ofereceu subsídios para uma avaliação mais precisa dos aspectos da leitura e escrita.

As atividades na *área da matemática* abordaram noções de quantidade, adição e subtração de elementos. A primeira proposta teve o intuito de verificar as noções de quantidade que o praticante tinha construído. A partir disso, a segunda atividade centrou-se na adição e subtração de elementos com base no seu conhecimento de quantidades. Desse modo, o praticante deveria fazer a operação com o material concreto, ou seja, utilizar os palitos que estavam à sua disposição para efetuar os cálculos e depois achar o resultado na tabela dos números. Nessa atividade, identificou-se dificuldade na relação entre quantidade e número.

No que tange à *área da psicomotricidade*, foram propostas atividades com bambolês, cones, bolas, mímicas, para que o praticante desenvolvesse a consciência corporal, aspectos cognitivos relacionados à motricidade fina e ampla, bem como a criatividade. Assim, pode-se observar que a memória do praticante teve um avanço significativo, da mesma forma que o seu raciocínio-lógico.

É importante destacar que, ao final de cada sessão, as profissionais das demais áreas (fisioterapia, psicologia) e as estagiárias dirigiam-se ao responsável pelo praticante para relatar o *feedback* da atividade realizada. No último encontro, repetiu-se a testagem de escrita, com as mesmas palavras da primeira, para verificar a evolução em curto prazo que o praticante obteve.

Os profissionais da equoterapia desenvolvem atividades que requerem diferentes tipos de recursos (jogos, brinquedos, papel, bambolês, etc.). Na intervenção com o praticante em pauta neste estudo, o profissional da área da psicologia trabalhou bastante com jogos didáticos que estimulam o raciocínio lógico, visto que o praticante possui dificuldade de memorizar situações de curto prazo. Os jogos de tabuleiro, quebra-cabeça e memória são grande aliados nesse caso. O profissional da fisioterapia trabalhou constantemente com atividades para desenvolver a consciência corporal, como por exemplo: equilíbrio no cavalo, sentar de costas

sobre o animal, exercícios com bambolês e cones para trabalhar lateralidade e bolas para desenvolver noções de distâncias.

Ao final dos encontros, pode-se observar que o praticante apresentou ótimo desempenho nas atividades propostas, com aceitação imediata, e envolvimento na realização das tarefas. Um dos principais impasses que ele apresentou foi a dificuldade de lembrar fatos ocorridos em curto prazo. A fim de trabalhar nessa adversidade, nas semanas seguintes aos atendimentos, as estagiárias solicitavam ao praticante que relembresse as atividades realizadas anteriormente, para exercitar a memória. Assim, no encerramento das atividades do projeto de estágio, ele surpreendeu a todas profissionais, ao relatar as atividades que tinha desenvolvido na semana anterior. Isso demonstra que as atividades tiveram algum sentido para esse praticante.

Na intervenção com o ele, foi possível identificar os aspectos mencionados, e, conseqüentemente, confirmar o quanto é importante promover atividades que sejam significativas, aliadas ao contexto do sujeito, sendo a mais concreta e palpável possível.

Inserido nesse contexto, o profissional pedagogo possui papel fundamental para o processo de reabilitação dos indivíduos participantes nesse espaço. Práticas contextualizadas e humanizadoras possibilitam o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo, o que permite ao ser humano se entender como um cidadão parte do mundo e transformador da sociedade.

## **5.2 Catalogação dos jogos educativos e pedagógicos da *hippos equoterapia***

Na era tecnológica, a ludicidade possui um papel importante no desenvolvimento do sujeito em fase de aprendizagem. Nesse contexto, os jogos pedagógicos são exímios para a compreensão e assimilação de conceitos, muitos desses de ordem abstrata. Desse modo, a *Hippos Equoterapia* possui um vasto acervo de jogos pedagógicos e educativos que são utilizados pelos profissionais na prática equoterápica, porém, eram encontrados em desordem, o que dificultava o acesso para a identificação desses jogos pelos profissionais.

Frente a essa situação, a equipe gestora da Instituição solicitou às estagiárias que realizassem a catalogação dos jogos educativos e pedagógicos. Assim, a catalogação teve por base o Sistema de Classificação de Jogos e Brinquedos, descrito por Cunha (2007). A autora afirma que uma das vantagens de empregar tal sistema é a facilidade de localização dos jogos. Dessa maneira, entendeu-se que era possível inserir a cultura de organização do espaço, para que os profissionais atuantes na Instituição pudessem identificar os jogos de maneira correta para a sessão equoterápica.

O processo iniciou na sala em que se encontravam os materiais, pois a instituição possui somente uma sala destinada à guarda de todos estes (brinquedos, jogos, material de limpeza, encilha), fazendo uma organização desse espaço para poder trabalhar efetivamente com os jogos. Posteriormente, seguiu-se com a contagem e separação dos jogos, os quais totalizam 144. Dentre os tipos, estão: Destreza, Quebra-cabeças, Encaixe, Didático, Adivinhar, Estratégia, Perguntas e Respostas, Investigação e Material Pedagógico.

Neste sentido, foi elaborada uma ficha de registro, conforme a Figura 1, para cada jogo, estruturada da seguinte forma: número de registro, localização, nome do jogo, componentes, objetivo, idade recomendada, regras, tipo, atividades propostas e área de desenvolvimento. Após a classificação, foram dirigidos às suas respectivas prateleiras, as quais foram nomeadas de acordo com o tipo de jogo e a posição que ocupava. Exemplo: Prateleira A - Coluna 1- Jogo de Destreza (P-A/ C-1).

**FICHA DE REGISTRO**  
**LEGENDA DE IDENTIFICAÇÃO DAS PRATELEIRAS**

**P- PRATELEIRA**  
**C-COLONA**

**NÚMERO DE REGISTRO:** 13  
**LOCALIZAÇÃO:** P.A.C-2  
**NOME DO JOGO:** Pictureka  
**COMPONENTES:** 9 tabuleiros; 1 dado colorido; 1 dado numérico; 103 cartas com missões; 4 cartas referência; 1 marcador de tempo de 30s.  
**OBJETIVO:** Junte cartas encontrando objetos no tabuleiro para vencer, seja o primeiro jogador a juntar 6 cartas.  
**IDADE RECOMENDADA:** a partir de 6 anos  
**REGRAS:** Para jogadores não alfabetizados- jogar somente com as cartas azuis (figuras). Deve-se encontrar as figuras das cartas no tabuleiro no tempo de 30s.  
**TIPO:** Jogo de destreza  
**ATIVIDADES PROPOSTAS:**  
Associar figuras.  
**ÁREA DE DESENVOLVIMENTO:**  
Percepção visual.

**Figura 1-** Ficha de Registro dos Jogos

Fonte: as autoras.

Como produto final dessa etapa, produziu-se um livro de registro dos jogos da *Hippos Equoterapia*, o qual foi entregue no último dia do estágio aos profissionais que integram à equipe gestora. Nele contém todas as fichas de registro dos jogos, o que possibilita ao

profissional consultar todo o acervo e realizar a busca sem ter que manipular diretamente as caixas, para identificar qual jogo melhor se encaixa à singularidade do praticante.

Portanto, a catalogação dos jogos pedagógicos [res]significa uma dinâmica de trabalho, tornando-a mais organizada e sistemática. A Instituição se beneficia à medida que possui um espaço em que recursos educacionais utilizados para a prática de equoterapia estão cultuados de maneira estruturada, de acordo com as necessidades do ambiente. Os profissionais das múltiplas áreas podem consultar ao acervo, conforme a área de desenvolvimento que deseja ser trabalhada com determinado praticante, o que facilita no decurso do seu trabalho.

## **6. Conclusão**

O artigo evidencia que o pedagogo é uma figura exímia em espaços de educação não formal. Inserido na equoterapia, se configura como parte essencial para colaborar em aspectos que envolvam processos cognitivos, sociais e afetivos, em conjunto com profissionais de outras áreas. Assim, consegue realizar um trabalho interdisciplinar, o qual é de grande importância para a formação e o desenvolvimento do sujeito.

Nessa lógica, o Estágio Curricular Supervisionado II- Espaços Sociais é de extrema relevância, uma vez que auxilia a caminhada acadêmica na busca pela identidade profissional. Essa disciplina amplia o conhecimento sobre a atuação do pedagogo em outros espaços, rompendo com o paradigma de que deve estar somente em sala de aula.

Quanto ao atendimento ao praticante com SD, foi possível constatar que as atividades tiveram sentido e foram significativas a ele. Isso se deve ao fato de o planejamento ser efetuado tendo como ponto de partida o contexto do indivíduo, pois, para algo ter sentido, é necessário estabelecer conexões do conteúdo com a realidade mais próxima do aprendiz.

Por fim, relativo à categorização dos jogos institucionais, pode-se inferir que a organização proposta contribuiu efetivamente para que a instituição ampliasse os critérios de seleção dos jogos para as práticas de equoterapia. Dessa forma, a cultura organizacional dos jogos possibilita aos profissionais direcionarem melhor os materiais para os praticantes, conforme as suas necessidades, e, assim, promover um ambiente agradável para todos os envolvidos.

## Referências

Ande-Brasil. *Associação Nacional de Equoterapia*. Brasília – DF.

Ausubel, D. P. A (1982). *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes.

Bonomo, L. M. M., & Rosseti, C. B. (2010). Aspectos percepto-motores e cognitivos do desenvolvimento de crianças com Síndrome de Down. *Crescimento Desenvolvimento Humano*, São Paulo, vol. 20, nº. 3, p. 723-734. Recuperado de: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/19980/22066>.

Bueno, B. O. (2002). O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 28, nº. 1, p. 11-30, jan./jun.

Cunha, N. H. S. (2007). *Brinquedoteca: um mergulho no brincar*. 4. ed. São Paulo: Aquariana.

Cunningham, C. (2008). *Síndrome de Down: uma introdução para pais e cuidadores*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed.

Ferreiro, E. (2011). *Reflexões sobre alfabetização*. 26. ed. São Paulo: Cortez.

Ferreiro, E., & Teberosky, A. (1999). *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed.

GOHN, M. da. G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, Rio de Janeiro, vol. 14, nº. 50, p. 27-38, jan./mar.

Josso, M. C. (2004). *Experiência de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez.

Libâneo, J. C. (2001). Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas. *Educar*, Curitiba, nº. 17, p. 153-176.

Libâneo, J. C., & Pimenta, S. G. (2002). Formação dos profissionais em educação: visão crítica e perspectiva de mudança. In: PIMENTA, S. G. *Pedagogia e Pedagogos: caminhos e perspectivas*. São Paulo: Cortez., cap. 1. p. 11-58.

Libâneo, J.C. (2007). *Pedagogia e pedagogos, pra quê?* 9. ed. São Paulo: Cortez.

Medeiros, M., & Dias, E. (2008). *Equoterapia: noções elementares e aspectos neurocientíficos*. Rio de Janeiro: Revinter.

Montevechi, W. R. A. (2005). *Educação não-formal no brasil: 1500-1808*. 2005, 133 fs. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário Salesiano de São Paulo, UNISAL, Americana, São Paulo. Recuperado de: [https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_-Wilson-Montevechi\\_2005.pdf](https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/04/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-Wilson-Montevechi_2005.pdf).

Ramos, R. M. (2007). *A equoterapia e o brincar – relações transferenciais na equoterapia e o cavalo como objeto transicional*. 2007, 46 fs. (Dissertação de Mestrado). Centro Universitário de Brasília, Brasília.

Santos, S, M. P. dos. (Org.). (2007). *Brinquedoteca: o lúdico em diferentes contextos*. Rio de Janeiro: Vozes. Recuperado de: <http://docplayer.com.br/29525874-Rodrigo-maciel-ramos-a-equoterapia-e-o-brincar-relacoes-transferenciais-na-equoterapia-e-o-cavalo-como-objeto-transicional.html>.

Silveira, D. T., & Córdova, F. P. (2009). A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E., SLVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Uzun, A. L. de L.(2005). *Equoterapia: Aplicação em distúrbios do equilíbrio*. São Paulo: Vetor.

Voivodic, M. A. M. A. (2004). *Inclusão escolar de crianças com Síndrome de Down*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Walter, G. B. (2013). *Equoterapia: fundamentos científicos*. São Paulo: Atheneu.

**Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito**

Alana Rodrigues Rigão - 40%

Laura Salbego Vidikim - 30%

Fernanda Figueira Marquezan - 30%